

A eleição da incerteza

Talvez nunca saibamos os efeitos que o debate entre os candidatos a presidente da República, promovido na quinta-feira pela Rede Globo, tenha provocado no eleitorado. As equipes de campanha fizeram pesquisas qualitativas para saber como seus candidatos se saíram, quais os melhores e os piores momentos. Mas as impressões sobre o desempenho deles não têm efeito imediato sobre a opção de voto. "O impacto de um debate só se consolida quatro dias depois", afirma Angela Bassa, pesquisadora do Departamento de Ciência Política do MIT (sigla em inglês para Instituto de Tecnologia de Massachusetts), que está no Brasil para acompanhar as eleições.

Quatro dias, segundo ela, é o tempo de que o eleitor precisa para digerir os detalhes do debate, ouvir opiniões alheias, refletir e, quem sabe, mudar de posição ou decidir-se por um nome. Os estudos internacionais demonstram que, mais importante do que o próprio debate, é a sua repercussão. Nos primeiros quatro dias depois do embate, boa parte dos eleitores — em especial, aqueles não tão convictos de suas opções e indecisos — flutua de um nome para outro. As primeiras impressões, mesmo para quem viu o debate, podem ser modificadas. O boca-boca sobre o debate nos bares, ônibus, no trabalho forma e altera opiniões, inclusive das pessoas que não viram o debate. No Brasil, portanto, quando os eleitores, finalmente, se decidirem já será o dia da eleição.

"As pesquisas de

intenção de votos, publicadas de hoje até domingo, não captarão os efeitos reais do debate", diz Angela. Debates tão próximos da eleição só têm resultado imediato quando trazem uma grande gafe ou uma grande denúncia. Não foi o que aconteceu na quinta-feira. Na Globo, alguns candidatos se saíram melhor do que os



outros, mas não se viu nenhuma grande revelação ou um grande erro capaz de alterar com profundidade o quadro eleitoral registrado antes dele. Angela acompanhou um grupo de pesquisa qualitativa no Rio de Janeiro. Apesar de ser uma amostragem localizada, o grupo chegou à conclusão de que Lula se saiu muito bem, e José Serra, muito mal. Ciro Gomes começou mal, mas melhorou no decorrer do programa. Anthony Garotinho, ao contrário, começou bem, mas caiu no conceito dos eleitores ao longo do debate, por ter exagerado nas ironias contra os adversários.

Esses resultados coincidem com as pesquisas qualitativas realizadas pelas equipes dos candidatos Serra e Lula. A diferença é o desempenho de Ciro, considerado o melhor nas pesquisas das campanhas. Avaliações à parte, o certo é que os candidatos, no fundo, procuraram manter suas posições. "Os quatro foram muito cautelosos, justamente porque estavam preocupados em evitar erros que pudessem comprometer seu desempenho nas pesquisas. Não houve ataques intensos entre eles", diz a pesquisadora do MIT. Assim, sem um grande fato e sem saber o efeito causado pelo debate, o eleitorado segue para as urnas amanhã desconhecendo os seus resultados.

As duas grandes questões da eleição deste ano seguem sem resposta. Lula ganhará no primeiro turno? Havendo a segunda rodada, quem vai enfrentá-lo? As últimas pesquisas de opinião colocam o candidato petista na margem de erro para liquidar a fatura agora. Também registram empate técnico no segundo lugar entre Serra e Garotinho. São diferenças estatísticas pequenas que não permitem um prognóstico seguro.

A expectativa de que esse quadro mudasse de forma radical com o debate não se confirmou. Ao contrário. O debate só fez aumentar a incerteza. Não haverá tempo para se medir os seus efeitos no voto do eleitor. Nos comitês dos candidatos comemorava-se o desempenho no debate, mas não havia clima para festa. Há uma preocupação geral com o uso da urna eletrônica em larga escala e as consequências desse tipo de votação entre o eleitorado menos escolarizado.

No começo da semana, o debate da Globo parecia ser aquela luz que, por antecipação, resolveria as dúvidas desta eleição. Não foi o que aconteceu. O eleitor terá ainda muitas horas de sofrimento pela frente.